ADIVINHAS EM SALA DE AULA: O BRINCAR COMO ESTÍMULO À FORMAÇÃO DE LEITORES

GUESSES IN CLASSROOM: THE PLAY TO THE READERS' FORMATION

Leidiane Faustino Lima[*]
José Hélder Pinheiro Alves[**]

Resumo: Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado realizada no PPGLE-UFCG com adivinhas, enquanto expressão da cultura popular, numa turma de 6º ano do ensino fundamental. A estratégia metodológica que utilizamos foi a leitura em voz alta. Fundamentamo-nos, teoricamente, em estudos sobre as adivinhas de Cascudo (1984), Vieira (2012), Jolles (1976) e Pinheiro (2018) sobre ensino de literatura; e de Bordini e Aguiar (1988) sobre o método recepcional. Os resultados apontam que não é incomum o contato com o gênero adivinha em determinado momento da infância ou adolescência. Desse modo, o uso das sextilhas em sala de aula dá abertura para os alunos expressarem suas vivências com a literatura oral. Além disso, o envolvimento significativo dos alunos nos faz refletir que, por vezes, o próprio texto literário pode ser a motivação necessária para despertar o interesse em sala de aula, tendo o lúdico como fascínio para a literatura.
Palavras-chave: Adivinhas. Folheto de Cordel. Recepção.

Abstract: This article is a recutter of the experience report parto f the master's degree research conducted through the UFCG Language Program and Teaching, whith the work whith guesses while expression of the popular culture in a six-year class off Elementary School. The methological strategy that we used was to red in loud voice. Our theoretical is based on the studies about definitions of the Cascudo guesses (1984), Vieira (2012), Jolles (1930), Pinheiro (2018) about literature teaching and Bordini and Aguiar (1988) about recepcion method. The results show that is not unusual the contact with the genre riddle in determined time of chilchoold or tenaage years, thus, the use of sextilhas is classroom gives opening for students to express their cultural in their social convivial. Besides that, this significant involviment of the students makpes us to reflect that sometimes, the literary text itself can be the necessary motivation to awaken interest in the classroom, having the playful as fascination for the literature.
Key-words: Guesses. Literatura de Cordel. Reception.

Introdução

As adivinhas são formas de passatempo muito antigas que agradam a um público variado de pessoas. De acordo com os estudos de Cascudo (1984), as adivinhas são expressões significativas da literatura oral no Brasil, constituídas de enigma e resposta. O estudo do gênero nos mostra um número notável de "obras-primas" que manifestam originalidade, sabedoria, ironia, humor, curiosidades históricas e traços da cultura em que está inserida. Com a finalidade de divertimento, ainda conforme Cascudo (1984), essas charadas introduzidas pela expressão tradicional "o que é o que é?" eram o gênero predileto das festas populares desde o século XVII e XVII cumprindo um papel valioso de registro do tempo e da memória coletiva.

Ao serem direcionadas para a sala de aula, percebemos uma tendência pedagógica comum de se concentrarem na mera transmissão de conteúdos linguísticos e gramaticais. Esse tipo de abordagem deixa de lado a riqueza lúdica contida nas

[*]Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da UFCG. E-mail: leidianefaustino70@gmail.com
[**]Doutor em Literatura Brasileira. Professor do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da UFCG. E-mail: helderpinalves@gmail.com

adivinhas e as experiências que as crianças podem ter com o gênero, trazendo sua própria vivência acionada pela leitura, contribuindo com a descoberta da poesia de maneira divertida.

Pinheiro (2016) sugere que, dentre as abordagens com literatura popular, a forma mais atraente para apreciar a poesia em sala de aula é a brincadeira com a linguagem, o humor e a dimensão lúdica. A esses elementos serão somados às vivências de mundo que o aluno poderá projetar nas leituras que aprecia. Desse modo, essa concepção de ensino de literatura que reconhece e valoriza os modos de ler do aluno, constitui uma das dificuldades neste processo de formação de leitores, visto que, conforme Pinheiro (2016), a tendência de utilizar o método da aula expositiva com informações históricas sobre a literatura de cordel, ou apenas expor sua visão a respeito do que foi lido, deixa de lado uma experiência mais reflexiva. Existe uma necessidade de mudança na metodologia de ensino, de modo que "o texto literário seja [é] o ponto de partida e de chegada". (PINHEIRO, 2016, p. 147-148).

Pensando na possibilidade dessa vivência literária, este artigo apresenta um recorte da nossa experiência de pesquisa no Mestrado em Linguagem e Ensino – UFCG, PB, tendo como sujeitos os alunos do 6º ano do ensino Fundamental de uma escola integral situada na cidade de Remígio – PB. O artigo traz uma reflexão sobre a primeira aula de nossa intervenção. Para este trabalho, selecionamos adivinhas encontradas em diferentes cordéis considerados clássicos como, *A donzela Teodora*, de Leandro Gomes de Barros, *As proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima, dentre outros[1].

2. As adivinhas

As adivinhas são, segundo Cascudo (1984, p. 65), estudadas pelo viés folclórico e se compreendem como "conjunto de analogias e personificação". Quanto à construção, apresentam uma adivinhação propriamente dita e uma resposta ao teste formulado. Segundo o autor, "não há gênero, na literatura oral, que apresente maior número de obras primas de síntese, de originalidade e de sabedoria, de graça de ironia." (CASCUDO, 1984, p. 67).

Não é possível mensurar o quanto essas adivinhações são antigas; o que chama atenção nesse gênero é que todo tipo de pessoa em algum momento da vida memorizou um desses enigmas e deixou-se levar pelo encanto que é propor-se a resolvê-las. Cascudo (1984) menciona estudos antigos de adivinhas em países como Espanha, Argentina, Itália e França. No Brasil, o autor cita estudos que se deram sem muita extensão como os de Silvio Romero, publicando apenas três dessas charadas, o que não é material suficiente para considerar a valorização dessa manifestação popular.

Ainda para Cascudo (1984), as adivinhas sofrem influências religiosas ou eruditas, carregam traços culturais ou políticos e ostentam notória variedade temática e sabedoria popular. Elas incluem variados tipos - "não penas no processo da exposição como da elucidação, sugerindo soluções obscuras e falsas", difundidas popularmente e denominadas "fechar os olhos"; desobrigadas de moralismo, se constroem a partir de alegações ambíguas. (CASCUDO,1984, p. 70). Um fenômeno curioso que pouco se observa é que as adivinhas são, quase sempre, expressas em verso, constituindo-se uma importante expressão oral de poesia.

[1] Com relação à presença de adivinhas no contexto escolar, várias obras trazem esse gênero da tradição oral com adaptações. Três obras pensadas para o ensino fundamental são bastante conhecidas: Azevedo (1996), Machado (2000) e Perrotti (1982).

As adivinhações podem ser facilmente reconhecidas pelas palavras de abertura, seguindo padrão universal "o que é, o que é?". Um exemplo desse tipo de adivinhas é registrado por Ibiapina (2010, p. 122):

- O que é?... O que é?
Dizem que sou rei,
Reinado não tenho;
Dizem que sou louro,
Cabelos não tenho;
Afirmam que ando,
Mas não me movo;
Acerto relógios
E relojoeiro não sou.
(R: Sol)

Trata-se de uma adivinha trabalhada na alternância de afirmação, que gera uma suposição que em seguida é desconstruída com uma negação. Compostas de elementos típicos das construções poéticas populares apresentam rimas alternadas. Ibiapina (2012, p. 122) traz também o tipo de enigma ambíguo, fazendo com que quem vai responder pense numa solução indecente, vejamos:

Estava minha comadre
De pernas pra riba;
Chegou meu compadre
E escanchou em riba;
Meu compadre empurra,
Minha comadre mija.
(R: Prensa de farinhada)

Essa é um exemplo de questão claramente sugestiva, uma vez que se supõe, a partir do enigma, uma resposta obscena. A ligação com a cultura local é uma característica que consideramos notável nas adivinhas. O exemplo acima, claramente se refere à região Nordeste que reconhecemos pelas expressões locais como "riba" (em cima), "mija" (urina), formas de tratamento afetivo como "compadre" e "comadre". Além disso, a descrição é baseada numa atividade econômica da região nordestina, trabalho manual pelo qual se utiliza "a prensa", utensílio rudimentar que ao ser "empurrada" extrai da mandioca a matéria prima do fabrico de farinha, tarefa que era exercida principalmente pelas mulheres.

Essas adivinhas carregam traços de valor cultural inestimável, afinal, valoriza o trabalho manual. Assim, elas participam desde muito tempo da literatura popular, carregado de um valor cultural de tal modo que, sua explicação não é alheia ao ambiente que vivemos e, em algum momento da vida é comum termos contato com alguns desses enigmas.

Como vimos, as adivinhas se configuram enquanto jogo de pergunta enigmática e tentativa de descobrir a resposta. Numa pesquisa mais recente, por Rui Vieira (2012, p.386), em seu *Dicionário Temático da Poesia Popular Nordestina* apresenta a possibilidade de construir adivinhas e apresentá-las em duas estrofes, como a seguir:

Pergunta:
Parece não é certeza
Quero ver me responder
Um sujeito que anda muito
Indo um passeio fazer,
Saindo de madrugada
Aonde vai amanhecer?

Resposta:
Sendo ele muito ligeiro
E cabra esperto para andar,
Saindo de madrugada
Não vindo a fracassar,
Garanto que ele amanhece
Onde o sol o encontrar.
(VIEIRA, 2012, p. 31)

Dessa forma, há os cordelistas que escrevem uma estrofe para a adivinhação e outra para a sua resposta que se apresenta de forma mais subjetiva preservando o rigor poético e descritivo de quem conhece e observa o funcionamento dos eventos da natureza. O autor ainda apresenta a definição e observação a seguir:

> Adivinhas – Era uma das grandes diversões nas regiões rurais. Como não havia com o que se entreter nas noites nos sítios e nas fazendas, a família e amigos se reuniam em volta à mesa ou na varanda para realizar essas charadas ou seja adivinhas. Foi a partir dessa realidade, que os poetas cantadores, começaram a colocar também nos desafios. Hoje não mais se pratica esse estilo. (VIEIRA, 2012, p. 386).

Como se observa, as adivinhas era uma prática de entretenimento apropriada pelas comunidades rurais. Transmitidas pelo costume que pertencia ao povo camponês de se reunirem, a fim de compartilhar seus saberes, com brincadeiras faladas que reuniam memórias e despertavam a simpatia e afeto do povo.

Sobre a presença das adivinhas em festas populares, Cascudo (1984) retoma os séculos XVII e XVIII como a época em que dos "oiteiros" surgiam as propostas e resoluções, que postas a prêmio, punham à prova a esperteza e rapidez dos pelejadores. Curiosamente, essas adivinhações de conteúdo singelo tiveram forte predileção nos festejos da sociedade brasileira da época, o que nos dá mais motivos para examiná-las e levá-las a sala de aula de modo a preservar esse tom lúdico de sua origem.

As adivinhas, portanto, estão fortemente ligadas aos poetas populares e contadores de história desde as primeiras manifestações orais dessa literatura e, desde quando poetas cantadores se reuniam para desafios ou pelejas. As adivinhas surgem enquanto prática social, com o objetivo de entreter; de modo que prosseguiram fazendo parte das temáticas dos cordelistas quando surgiram os folhetos, como veremos no tópico a seguir.

3 As adivinhações nos folhetos de cordel

As adivinhas que recolhemos podem ser classificadas em dois tipos: as infantis, direcionadas ao mundo animal e as que são partes de narrativas apreciadas da literatura de cordel.

Nos folhetos voltados ao público infantil, percebemos um conjunto de poetas que escreveram adivinhas. Os referidos folhetos dedicados às crianças contêm estrofes voltados ao mundo animal, a exemplo do *Cordel para crianças*, do poeta Pedro Costa (2006, p. 6):

Um bicho de estimação
É ligeiro em qualquer ato
Enxerga bem no escuro
Ele caça e pega rato
Inimigo do cachorro
Que bicho é esse? – O GATO.

É o vigia da casa
Ao dono presta socorro
Corre, latindo e fareja
Até em cima de morro
Melhor amigo do homem
Que bicho é esse? – O CACHORRO.

Os versos do poeta seguem a estrutura comum contendo rimas no segundo, quarto e sexto verso, incluindo a resposta da adivinha também fazendo parte do jogo sonoro. O cordel é composto por 30 estrofes rico em imagens e características do mundo animal, denotando conhecimento e habilidade de formulação por parte do poeta.

O cordel da *História da Donzela Teodora,* de Leandro Gomes de Barros, trata de diversos desafios pelos quais Teodora passa para se livrar de sua condição de escrava. Dentre esses, há o confronto com sábios, desdenhosos, incialmente, da figura feminina, e que se utilizam de adivinhações como teste decisivo do combate que se estendia, como nos versos seguintes:

Donzela, qual é a coisa
Que pode ser mais ligeira
Respondeu: O pensamento
Que voa de tal maneira
Que vai ao cabo do mundo
Num segundo que se queira.
(BARROS, s/d, p. 19)

Nessa cena, o poeta segue o modelo das adivinhas que traz em uma única estrofe a pergunta e a resposta. Conforme a pontuação, trata-se de um diálogo entre a personagem Teodora e um dos sábios da realeza designado para testar a sabedoria da donzela, que responde rapidamente e com êxito na solução.

As perguntas contidas nesse cordel totalizam 10 sextilhas em forma de adivinhações, e passam pelos conhecimentos de astrologia, anatomia, dos animais e do cristianismo. As respostas de Teodora são baseadas nos saberes do povo que ultrapassam a competência daqueles que lhes desafiam confiando-se na ciência. Encontramos neste exemplar uma sextilha para a pergunta e outras para a resposta:

O sábio disse: Donzela
Conheces os animais:
Agora que descrevas
Alguns irracionais

Me diga qual é o bicho
Que possui oito sinais.

− Mestre, isto é o gafanhoto
Vive embaixo dos outeiros
Tem pescoço como vaca
Esporas de cavaleiros
Tem olhos como marel
Um pássaro dos estrangeiros

Tem peito como cavalos
Tem pés como de cegonha
Tem cauda como de víbora
Uma serpente medonha
E é infeliz o vivente
Que a boca dela se oponha.
(BARROS, s/d, p. 18)

Nessas estrofes, além de ser um tipo de advinha com uma resposta mais extensa, percebemos a ligação com o mundo rural pela descrição detalhada da fauna. Essas características nos levam a perceber a escolha dos adjetivos próximos à oralidade como "medonha", "dos estrangeiros" bem como um vocabulário de fácil entendimento de todos. Esses aspectos compõem a unidade das estrofes atreladas ao ritmo e exatidão poética de sextilhas seguidas por Leandro Gomes de Barros.

Além disso, cabe mencionar que a narrativa se constrói a partir do embate de uma mulher com sábios, e que é possível perceber o desdém com que a Donzela é tratada e as inúmeras tentativas de comprovar sua falta de conhecimento intelectual. Porém, é através das adivinhas que a personagem demonstra sua segurança e rapidez em solucionar todos os enigmas que lhes direcionam, contrariando aos que subestimaram sua capacidade de desvendar adivinhações.

Outra história em cordel que apresenta adivinhas em meio à narrativa foi escrita pelo poeta João Ferreira de Lima intitulado *As proezas de João Grilo*. O folheto é listado na classificação do estudioso José Alves Sobrinho (2003, p. 110) como assuntos de "espertezas", histórias de "espertalhões". Dessa forma, a esperteza do personagem João Grilo é reafirmada por charadas em rimas:

Perguntou: qual o animal
Que mostra mais rapidez
Que anda quatro pés
De manhã por sua vez
Ao meio-dia com dois
Passando disto depois
A tarde anda com três?

O grilo disse é o homem
Que se arrasta pelo chão
No tempo de engatinhar
Depois toma posição
Anda em pé bem seguro
Mas quando fica maduro
Faz três pés com o bastão.

Como podemos observar o poeta segue a tradição de compor uma estrofe para cada parte da adivinhação, acrescido a isso percebemos o tom de crítica social que permeia o folheto. Ao ser desafiado pelo sultão, o recurso de João Grilo, enquanto pobre, é a sua esperteza, de forma que sua inteligência o faz vencedor das disputas que se lhe impunham. Dessa maneira, o personagem sobrepõe sua condição de pobreza pela criatividade e habilidade de desvendar perguntas misteriosas.

A semelhança entre os dois folhetos que constatamos nesse tópico é que a estrofe que citamos da *História da Donzela Teodora* aparece quase idêntica no folheto *As proezas de João Grilo*, embora escritos de maneira diferentes. De toda forma, ambos os cordéis apresentam disputam instigantes desenvolvidas pelo teste de astúcia dos personagens e que recebem seus respectivos prêmios ao superarem seus adversários intelectuais.

4 Adivinhas em sala de aula

Nossas escolhas foram baseadas nos dados coletados em visitas ao ambiente escolar, conversas com a professora e gestora da escola, observação de algumas aulas e elaboração de um plano de ação e reflexão da metodologia a ser utilizada.

Nesse artigo, nos deteremos a observar o envolvimento lúdico proporcionado pela recepção oral das adivinhas. Para o desenvolvimento do trabalho com a leitura selecionamos adivinhas contidas no corpo da narrativa dos seguintes folhetos: *As perguntas do Rei e as respostas de Camões*, de Severino Gonçalves de Oliveira, *Histórias da Donzela Teodora*, de Leandro Gomes de Barros e *As proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima, bem como de algumas estrofes do *Cordel para crianças,* de Pedro Costa.

Optamos por utilizar como estratégia metodológica a leitura em voz alta, levando em consideração o leitor como sujeito da leitura conforme dos preceitos da estética da recepção e também a tradição oral de apresentação do gênero.

Iniciamos retomando um verso de um poema de José Paulo Paes trabalhado com a turma pela professora regente. Escrevemos o verso no quadro "Poesia é..." para que eles completassem com o que lembravam de ter ouvido e gerou algumas respostas interessantes: mais de uma disse "poesia é a arte da vida", "poesia é brincadeira", por fim, "poesia é brincar com as palavras". Essa menção serviu de motivação para o jogo com sextilhas em cordel que iríamos iniciar.

Começamos por perguntar quem conhecia cordel e a grande maioria afirmou ter tido contato na escola com a produção do poeta da cidade Severino Cavalcanti de Albuquerque, num acontecimento de homenagem ao escritor. Em resposta alguns declararam que conheciam o cordel "O auto da Compadecida".

Em seguida, utilizamos uma caixa que continha adivinhas escritas em tamanho legível para fazermos uma espécie de sorteio, e, à medida que iam sendo escolhidas, eram lidas. O nosso propósito foi que toda a turma participasse livremente, como leitor da charada, com tentativa de resposta ou apenas assistindo à brincadeira.

Quando começamos, boa parte dos alunos prontamente quis tirar o papel da caixa das adivinhações, mesmo que alguns não quisessem ler em voz alta para a turma, sempre dizendo que "não queriam ler" ou dando desculpa que "não sabiam ler". Por vezes queriam ler silenciosamente ou nos entregavam para que lêssemos, participando apenas da escolha da estrofe. Optamos por não dividi-los em grupos, o que facilitaria a participação efetiva de um número maior de alunos. À medida que algum deles acertava

a adivinha, começava um coro com várias vozes dizendo "EU, EU, EU", em pedido para ser o próximo a participar.

Em meio à atividade ficavam animados para participar, o que se evidencia pelas tentativas de resposta. Algumas adivinhas geraram euforia, sendo lida várias vezes. A segunda estrofe da brincadeira, foi recortada do folheto *História da Donzela Teodora,* de Leandro Gomes de Barros. Vejamos o trecho de leitura e discussão, transcrito abaixo:

> [...]
> Aluna A[7]: — Professora, depois de M. sou eu!
> Aluno B: — Depois dela é eu.
> (*Depois de escolher, a aluna pensou em desistir*)
> Aluna C: — Ow professora, eu não sei ler não.
> Professora: — Escuta!
> Aluna C: — Perguntou o sábio a ela/que homem foi que viveu/porém nunca foi menino/ existiu mas não nasceu/a mãe dele ficou virgem/ (difícil de entender)
>
> Nesse momento de leitura, muitas respostas são dadas mesmo sem tempo para pensar. No entanto, grande parte deles se envolvem, participam e arriscam.
>
> *Fiz a segunda leitura que era acompanhada pelas respostas*:
> Aluno D: — A bela e a fera homi!
> Aluna E: — Pinóquio!
> Várias vozes juntas repetindo: Pinóquio!
> Aluno F: — É não... aaah... professora como é nome daquele homem... tá na ponta da língua. É...
> Professora: — Presta atenção nas características... (*releio a estrofe*)
> Aluna G: —Peter pan!
> Professora: — Ninguém adivinha?
> Aluna E:— Lê de novo por favor!
> (terceira leitura)
> (várias vozes dizendo coisas aleatórias)
>
> Após a segunda leitura, professora pergunta: "Ninguém adivinha?". E um aluno solicita: "Lê de novo, por favor". A professora então, tenta ajudar, dando a dica de que começa com A. Enfim, após a quarta leitura, o aluno I acerta:
>
> Professora: — Se eu der uma dica todo mundo vai saber.
> Aluno F: — Deputado!
> Professora: — Começa com A.
> Aluno H: —Abelha!
> Professora: — É um homem!
> Aluno F: — Azutado!
> Aluna A: — Avatar!
> (*quarta leitura pela professora*)
> Aluno I: — Adão!
> Professora: Acertou! (Em seguida, leitura da resposta)
> (Assim que acertam começa novamente os pedidos de ser o próximo a ler, todos ao mesmo tempo)...

Outras cinco adivinhas se seguiram nesta aula. Desde o início se podia notar o envolvimento de quase toda a turma, alguns com voz mais tímida, mas sem deixar de prestar atenção, a participação ocorreu de forma que nenhuma adivinha permaneceu insolúvel, os participantes buscavam a resposta por tentativas e repetição de leitura da pergunta.

O que podemos destacar desse trecho é o envolvimento gratuito no jogo, o desejo de acertar. A releitura de uma mesma estrofe, a pedido deles e sempre arriscando a resposta. Consideramos marcas desse interesse pela charada o fato de não desistirem de tentar acertar a reposta bem como as inúmeras respostas que deram. O aluno F vibrava e gesticulava enquanto ia pronunciando as respostas que, de tão ansioso em acertar, quase inventou uma palavra (azutado). Esse movimento de adivinhar que se tornou a aula pode ser associado com os estudos de Jolles (1976, p. 111) sobre adivinhas em sua forma simples, que aponta:

> Na adivinha, o homem já não está em relação com o universo: há um homem que interroga outro homem e de modo tal que a pergunta obriga o outro a um saber. Um dos dois possui o saber, é a pessoa que sabe, o sábio; o interlocutor o enfrenta e é levado, pela pergunta, a pôr em jogo suas forças, seus recursos e sua vida para chegar a possuir também o saber e apresentar-se ao outro como sábio.

O ânimo da turma, que podemos comparar ao que Jolles chama de 'por em jogo suas forças', prevaleceu pela certeza que cada aluno demonstrou de que era capaz de encontrar a solução, garantido a curiosidade a cada charada sorteada, de tal forma que não lembravam mais da vontade inicial de estar na quadra de esportes. Mantiveram esse ritmo animado com as estrofes seguintes.

As estrofes constituídas por perguntas e respostas possibilitaram um momento de divertimento em ritmo e linguagem poética, sem que necessitasse explicar a estrutura das adivinhas. Consideramos que o contato com o ludismo sonoro das sextilhas tornou-se o atrativo para os leitores participantes, comprovando assim que a seleção de estrofes isoladas pode ser usada em sala de aula favorecendo uma experiência estética . Além disso, vemos que é possível promover o contato com a poesia popular de modo mais livre e, um dos caminhos, é a leitura oral de sextilhas, para que percebam essa literatura "como arte em sua significação e não como transmissor de conteúdo". (ALVES, 2018, p. 62)

Curiosamente, a aluna A que aparece no trecho transcrito acima, é a mesma que fez objeção de se envolver na leitura, além disso, em meio a aula, cita uma "o que é o que é", expressão popular que introduz as adivinhas, que conhecia de cor.

Lembramos aqui que essa interação e capacidade de fazer referências provenientes das experiências advindas da leitura e da audição formam o que Bordini e Aguiar (1988, p. 83) denominam de horizontes de expectativas, retomando a estética da recepção.

A participação da aluna revela que não é incomum o contato com o gênero adivinha em determinado momento da infância ou adolescência; desse modo, o uso das sextilhas em sala de aula estimula os alunos expressarem seus conhecimentos culturais, que são aprendidos para além dos muros da escola, em seu convívio social. Além disso, tivemos o cuidado de não apresentar um gênero da cultura popular como parte menos importante, focando no teor das palavras e seu significado, que são suscitados a partir das charadas trabalhadas.

CC BY

5 Considerações finais

O envolvimento da turma na atividade proposta, nos faz refletir que o próprio texto literário pode ser a motivação necessária para despertar o interesse em sala de aula, e que, portanto, deve ser levado com mais frequência. No instante depois que a aula já havia sido encerrada, essa mesma aluna A, junto com a aluna G, observaram que ainda havia algumas adivinhas na caixa e pediram para ler entre elas.

Dessa forma, consideramos que a circulação da poesia pelo viés da oralidade bem como pelo tom de brincadeira que prevaleceu na aula contribuiu para o envolvimento da turma. Por isso, caracterizamos esse momento como uma oportunidade de "brincar" com as palavras, por suspender um pouco essa rigidez do comportamento necessário em outros momentos de aulas na escola, para se viver um situação de diversão que instiga a reflexão e imaginação. Favorecemos o divertimento gratuito, com algumas risadas despretensiosas, sem deixar de cultivar a oralidade dos versos, o ato de pensar em voz alta e de compartilhar ideias como incentivo à leitura.

Constatamos que a utilização de adivinhas pode proporcionar uma maior interação entre professor-texto-aluno, pois além de incentivar a leitura, assegura que os alunos tenham contato com a literatura popular de forma descontraída, deixando abertura para que se interessem por outros textos do gênero e, sobretudo, possam trazer uma vivência com esse gênero da poesia oral.

A metodologia que lançamos mão priorizou a interação dos leitores com o texto, favorecendo o risco de errar, sem que este resultasse numa avaliação, numa nota. O processo, portanto, se constitui mais importante do que o "resultado" em si. Neste sentido, o procedimento fugiu ao modelo predominante nos livros didáticos, que buscam sempre ensinar um conteúdo sobre o gênero estudado e não propriamente vivênciá-lo.

Referências

ALVES, José Hélder Pinheiro. Cordel para crianças: Aspectos temáticos e metodológicos ou um sabiá na sala de aula. In: DEBUS, Eliane;SANTOS, Jilvania Lima dos; BORTOLOTTO Nelita. (org.) *Poesia cabe na escola:* Por uma educação poética. Campina Grande: EDUFCG, 2018, p.49-66.

AZEVEDO, Ricardo. *Brincando de adivinhar.* São Paulo: Moderna, 1996.

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura* - a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CASCUDO, Luis Câmara. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Itatiaia, 1984.

IBIAPINA, Fontes. *Terreiro de Fazenda.* Teresina: EDUFPI, 2010.

JOLLES, André. *A forma simples.* Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

MACHADO, Ana Maria. *O que é ?*. Ilustração: Claudius Secon. Rio de Janeiro: Salamandra, 2000.

PERROTTI, Denise (seleção). *O que é o que é?*. Ilustração: Eva Furnari. São Paulo: Paulinas, 1982.

PINHEIRO, José Hélder. Ensino e Pesquisa em Literatura de cordel: a experiência do Pos-Le UFCG. In.: PINTO, Francisco Neto Pereira e MELO, Márcio Araújo de. (org) *Panorama contemporâneo das pesquisas em ensino de literatura.* Campina Grande: EDUFCG, 2016.
<http://media.wix.com/ugd/ff2fac_820912d24b7247c8b2b82d0973518164.pdf

SOBRINHO, José Alves. *Cantadores, Repentistas e Poetas Populares*. Campina Grande: Bagagem, 2003.

VIEIRA, Rui. *Dicionário Temático da Poesia Popular Nordestina.* Campina Grande: Maxgraf, 2012.

Folhetos:

As proezas de João Grilo, João Ferreira de Lima. s.d.

Cordel para Crianças, Pedro Costa, 2006

História da Donzela Teodora, Leandro Gomes de Barros. s.d.

Recebido em 17 de agosto de 2019

Aceito em 21 de março de 2020